

# A QUESTÃO DO “SUBJUGAI A TERRA” EM GN 1,28

Ramiro Mincato\*

## Resumo

A partir de uma breve análise do início do Gênesis mostra-se que a expressão “subjugai” e “dominai” de Gn 1,28 deve ser entendida como cultivar e cuidar. O artigo apresenta algumas referências a partir de comentários e estudos recentes em que se mostra a origem dos textos no cativeiro da Babilônia. A preocupação original está na superação da idolatria e no destaque ao ser humano como centro e senhor de todas as coisas. Contudo, no contexto atual, o mesmo texto permite chamar atenção para outra relação: a tarefa de cuidar de tudo em favor da paz e da vida humana.

PALAVRAS-CHAVE: Gênesis 1,28. Ecologia. Subjugai a Terra.

## Abstract

*From a brief analysis of the beginning of Genesis is shown that the terms “subdue” and “have dominion” of Gn 1,28 should be understood as cultivate and have care. The article presents some references and comments from recent studies in which is shown that the original meaning of the texts has to be found in the Babylonian captivity. And its concern is to overcome the idolatry and to highlight the human being as the center and master of all things. However, in the present context, the same text allows another interpretation: the task of taking care of everything for peace and human life.*

KEYWORDS: *Genesis 1.28. Ecology. Subdue the Earth.*

\* Doutor em Teologia Bíblica. Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS.

## Introdução

Não resta dúvida que a Bíblia foi interpretada, na história, de acordo com a visão de cada época, e também eventualmente capitalistas, o que contribuiu para o desequilíbrio ecológico. O comando de Deus “subjuguai a terra” foi interpretado no sentido de dominar e escravizar. “subjuguai” a terra, no entanto, deve ser entendido no sentido de cuidar. Não é possível dar razão aos sistemas mercado que tratam a terra e as águas como mercadoria. Uma nova compreensão do mundo, sustentado por uma interpretação socioantropológica da Bíblia, faz a Igreja proclamar, povo e pastores juntos, no XII Intereclesial de CEBs, em Porto Velho, Rondônia, no último mês de julho: “queremos defender e apoiar o movimento FLORESTANIA, no respeito à agrobiodiversidade e aos valores culturais, sociais e ambientais da Amazônia. Não se pode profanar o mundo, pois ele é sagrado”.

Quando o livro do Gênesis diz “e Deus viu que era muito bom”, não se refere somente ao ser humano, mas ao humano dentro da comunidade de vida maior, o bioma terra. Separado da comunidade de vida maior os seres humanos não podem viver.

No primeiro relato de Gn 1,1 – 2,4a temos a criação do homem com o comando de Deus de *dominar* a terra. No segundo relato de Gn 2,4b-25, o mandato de Deus é *cultivar* a terra e não dominá-la e subjugá-la. Por quê?

É preciso pedir ajuda à exegese crítica, para não fazer uma leitura da Bíblia contra a vida e contra o ser humano. O Deus da Bíblia é o Deus dos vivos (cf. Mt 22,32), não um ídolo. É necessário abandonar interpretações fundamentalistas e literalistas que tentam se ancorar em textos como o de “Abraão sacrificando seu filho Isaac” (cf. Gn 22,1-22), para concluir: “Assim como Abraão sacrificou seu único filho Isaac, Deus sacrificou seu único filho Jesus Cristo, para a salvação da humanidade. Da mesma forma nós devemos aceitar todo o sofrimento passivamente”. Esse tipo de interpretação bíblica trai completamente o sentido libertador dos textos bíblicos.

Diante do desequilíbrio ecológico, mercantilização da natureza, consumismo extremo e aquecimento global, o tempo urge a recriação do paraíso terrestre com seus quatro rios irrigando toda a terra, como um jardim (cf. Gn 2,8-15). O que a Bíblia tem a nos dizer, hoje, sobre isso?

## 1 A criação e o livro do gênesis

Embora a porta de entrada da Bíblia seja o relato da Criação, no livro do Gênesis, ele não é o texto cronologicamente prioritário. Muitos outros fatos ocorreram antes que a “história das origens” fosse narrada: a história de Abraão e dos Patriarcas, do Êxodo, da travessia no deserto e da conquista da terra. Isso significa que a fé no “Deus da Criação” é expressa por escrito cronologicamente depois da fé no “Deus da libertação”. Israel conheceu antes o Deus salvador, e só posteriormente o Deus criador. Foi depois da experiência da libertação histórica do Êxodo e da conquista da Terra que Israel vai, diante de novas situações, refletir sobre a origem do homem, da história, da humanidade, e, portanto, só em época mais recente vai elaborar sistematicamente uma “teologia da criação”.

### 1.1 Gênero e contexto

“E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e *sujeitai-a*; e *dominai* sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (*Gn* 1,28). O comando de Deus é de “subjugar” e “dominar”. A redação deste versículo, da Tradição Sacerdotal “P”, remonta ao século VI a. C., no período do Exílio da Babilônia (586-537 a.C.). O livro trata da origem do mundo, dos seres humanos e dos antepassados do povo de Israel. O interesse pela busca das origens estava muito aceso nesta época. A busca pela origem é uma busca pela identidade. Os povos subjugados, exilados, sentem fortemente a necessidade de buscar os elementos que lhe dêem identidade e unidade.

Os modelos inspiradores do relato de *Gn* 1-11 encontram-se na cultura mesopotâmica. As cosmogonias orientais, especialmente da Mesopotâmia e Egito, serviram de veículo literário para sua reflexão e resistência<sup>1</sup>. A semelhança da narrativa bíblica com a Epopéia de Atrahasis é evidente, especialmente o paralelismo com

---

<sup>1</sup> As narrativas do Gênesis foram influenciadas pelas cosmogonias mesopotâmicas: epopéia de Gilgamesh, rei sumério da cidade de Uruk, contém a mais antiga referência do dilúvio Elish, o mito babilônico da criação; a Epopéia de Atrahasis, poema épico da mitologia suméria, sobre a criação e o dilúvio universal. Uma análise dos elementos vinculantes com o ambiente histórico e cultural do Oriente Antigo encontra-se em LOSS, N.M., *História das Origens, Gn* 1-11. In: FABRIS, R. (Org.). *Problemas e Perspectivas das Ciências Bíblicas*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 133-151.

Gn 2-9<sup>2</sup>. Daí que, pelo influência da literatura mitológica da Mesopotâmia, o escrito bíblico foi caracterizado, do ponto de vista do gênero, pela exegese judaico-cristã, de “relato mítico da criação”. Os relatos do livro do Gênesis não são história ou pré-história da humanidade ou do povo de Israel, mas fornecem uma chave de leitura teológica para interpretar a história humana. O livro do Gênesis não narra realidades ou eventos efetivamente históricos. Nenhum exegeta hoje afirmaria que o livro apresenta uma “história” das origens, com o significado que o termo “história” tem na concepção moderna. Para a mentalidade dos escritores bíblicos a história é o suceder-se de acontecimentos retilíneos determinados por intervenções divinas e que tendem ao fim predeterminado por Deus. Ora, o Gênesis é uma obra teológica. Por meio de narrativa mitológica apresenta uma interpretação da experiência humana. Não temos, portanto, neste gênero literário, uma “história das origens” ou uma “pré-história”, mas um panorama que permite descobrir a situação humana vivida pelos contemporâneos do autor, que são chave para interpretarmos também o mundo em que vivemos hoje. Gn 1-11 é uma mensagem teológica, e não um relato científico sobre a origem do mundo.

## 1.2 *Texto e estrutura*

Esse trecho é um hino de louvor ao Criador do universo, estruturado de acordo com a cronologia da semana judaica. Contém uma introdução (Gn 1,1-2), e uma conclusão (Gn 2,1-4a) que abarcam duas séries de ações em três dias: espaços e cenas de separação de elementos (Gn 1,3-13) e a obra de ornamentação com o aparecimento dos seres criados (Gn 1,14-31).

O versículo que nos interessa situa-se no primeiro relato da criação, Gn 1,1 – 2,4<sup>a</sup>, mais precisamente no sexto dia da criação (Gn 1,28).

O texto hebraico e sua tradução:

וַיְבָרֶךְ אֹתָם אֱלֹהִים וַיֹּאמֶר לָהֶם אֱלֹהִים  
 פְּרוּ וּרְבוּ וּמְלֵאוּ אֶת-הָאָרֶץ וּכְבֹשׁוּהָ וּרְדוּ בָדָגַת הַיָּם  
 וּבְעוֹף הַשָּׁמַיִם וּבְכָל-חַיָּה הָרֹמֶשֶׂת עַל-הָאָרֶץ:

<sup>2</sup> Cf. CLIFFORD, R. J.; MURPHY, R. E. Genesi. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Org.). *Nuovo Grande Commentario Biblico*. Brescia: Queriniana, 1997, p. 9-10.

**Gênesis 1,28:**

“E Deus abençoou-os, e disse-lhes Deus: ‘Sede fecundos (פְּרֹה), multiplicai-vos (רַבֵּה) e enchei (מִלֵּא) a terra, e subjugai-a (כַּבְּשׁ), e dominai (רִדֵּה) sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre tudo o que tem vida e que rasteja (רִמֵּשׁ) sobre a terra’.”

A estrutura hebdomadária de seis dias de trabalho mais um de descanso tem uma finalidade teológica. A trama narrativa coloca tanto a bênção como os imperativos no mesmo dia da criação do homem e da criação dos animais. Literariamente, portanto, no sexto dia, Deus realiza duas obras: a criação dos animais terrestres (*Gn* 1,24-25) e a criação do homem (*Gn* 1,26-31). E depois da criação do ser humano, confia-lhes uma missão. O sofrimento do Exílio, o retorno ao estado de escravidão, a perda da terra, exigem uma explicação: por que Deus abandonou e castigou seu povo?

Os seis dias de trabalho e um de descanso evidenciam a importância do descanso, o sábado. Se o próprio Deus descansa depois de seu trabalho de criação, com muito maior razão o deve fazer o ser humano. Desse modo, o mandamento do sábado, adquire status de instituição divina (cf. *Ex* 20,9-11), indicando o destino de toda a criação: o repouso em Deus. Assim, no Novo Testamento, o autor de Hebreus pode dizer que “está reservado um repouso sabático para o povo de Deus” (*Hb* 4,9), e que este repouso, este sábado final destinado a toda a humanidade tem seu fundamento teológico a partir do fato que no sétimo dia Deus repousou da sua obra (cf. *Hb* 4,4.10). “Apressemos-nos, portanto, para entrar naquele repouso” (*Hb* 4,11).

O repouso é um componente essencial para a vida. Sem repouso ninguém vive. O Deus libertador, já experimentado no Êxodo do Egito, e posteriormente também na teologia cristã, é compreendido agora, do ponto de vista teológico, como o Deus criador, isto é, Deus único e universal<sup>3</sup>. Ele não é um Deus nacional, mas universal. A partir da experiência de fé no Deus salvador/libertador o povo de Israel chegará à profissão de fé no “Deus criador” de todas as coisas. A fé no Deus Criador é, portanto, posterior àquele da confissão de fé no Deus da libertação, que reconhece o Êxodo como evento salvífico central da revelação de Deus ao povo de Israel. O redator da obra da criação “desmitifica” o

<sup>3</sup> Veja-se a respeito disso a obra de Erhard GERSTENBERGER. *Teologias do Antigo Testamento: Pluralismo e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: EST, CEBI, SINODAL, 2007.

texto, sublinhando o domínio absoluto de Deus e de sua palavra criadora, a bondade da obra criada e a dignidade do ser humano.

## 2 “Subjugai e “dominai” do Gn 1,28

A partir da indicação de Gn 1,1 – *No princípio Deus criou o céu e a terra* – podemos subdividir os dias da criação em duas categorias de objetos: (1) as coisas do céu e, (2) as coisas da terra, conforme esquema abaixo:

Céu	Terra
I dia: luz	III dia: mar, terra enxuta e vegetação
II dia: firmamento	V dia: peixes e aves
IV dia: astros	VI dia: animais terrestres e homem

É interessante notar que os três dias da criação dos “objetos celestes” são os únicos cujo verbo de ordem é o “ser” (היה) [Gn 1,3; 1,6(2x); 1,14(2x).15]. Junto aparece também o verbo “separar” (בדל) [Gn 1,4; 1,6.7; 1,14.18]. Nos dias da criação dos “objetos terrestres” a fórmula de comando assume a forma de uma ordem a um objeto já criado, para que desse objeto venham aqueles seres ainda não existentes, dando a entender que esses, exercitando suas próprias funções, põem-se em atividade e de fato “sejam”, isto é, assumam a existência<sup>4</sup>. Nestes três dias da criação dos “objetos terrestres” é dito que cada um se multiplicará “segundo a própria espécie” (כפיו). Tudo o que sai do mar ou da terra torna-se fecundo pelo comando de multiplicar-se [cf. Gn 1,11.12(2x) no terceiro dia; Gn 1,24(2x).25(3x) no sexto dia].

O sexto dia da criação (Gn 1,24-31) encontra-se em paralelismo com o terceiro dia, pois em ambos são feitas duas obras:

	Terceiro dia – Gn 1,9-13	Sexto dia Gn 1,24-31
<b>Obra 1</b>	A terra surge pela separação da água: mar e terra seca	Os animais terrestres
<b>Obra 2</b>	Vegetação	O homem

Deus ordenou à terra de separar-se da água e de produzir seres vivos vegetais no terceiro dia. E ordenou a criação de animais domésticos,

<sup>4</sup> Cf. BEAUCHAMP, P. *Études sur La Genèse: l’Eden, les sept jours, les Patriarches*. Lyon: Faculté de Théologie de Fourvière, 1971, p. 58-59.

répteis e animais selvagens antes da criação do homem no sexto dia. Todos esses seres recebem a ordem de multiplicar-se, segundo a espécie. Mas com o ser humano é diferente: a ordem de multiplicar-se, não é seguida do estribilho: “segundo sua espécie”. A criação do homem vai, de várias maneiras, distinguindo-se das demais obras. A criação do homem vai caracterizando-se como a culminância da obra de Deus.

No sentido de culminância, alguns elementos literários confirmam a teologia do autor, sobre a criação do ser humano, no sexto dia<sup>5</sup>:

- há parentesco e solidariedade entre o homem e os animais nas ordens do Criador, pois o autor coloca a criação dos animais no “sexto dia” apenas antes da criação do homem;
- reserva o mesmo termo “criar” (בָּרָא) tanto para o homem como para os animais (v. 21 e v. 27);
- traz a mesma bênção tanto para os animais como para os homens (v. 22 e v. 28).

Mas, para além dessa solidariedade, os sacerdotes apontaram para um movimento crescente de intimidade entre Deus e as criaturas, cujo ápice encontra-se na criação do ser humano:

- é a última obra de Deus nos seis dias;
- para o homem o verbo “criar” (בָּרָא) é repetido nada menos que três vezes (v. 27);
- a bênção ao homem não é acompanhada por um simples “dizendo” (וַיֹּאמֶר v. 22), mas por um solene “e disse” (וַיֹּאמֶר v. 28);
- na bênção de Deus: “Sede fecundos, multiplicai-vos” (v. 22, para os animais e v. 28 para o homem), Deus fala de modo impessoal quando se refere aos animais, mas dirige-se ao homem de modo direto, como a um parceiro capaz de diálogo: “E Deus os abençoou, e Deus *lhes* disse” (v. 28).

Há uma tendência de crescente solidariedade e intimidade de Deus com as criaturas, na progressiva atribuição de valor que é dada a cada obra:

- todas as criaturas são boas;
- algumas são abençoadas;
- o homem e toda a criação são muito bons (*Gn* 1,31);
- o sábado é abençoado (בִּרְדֵּי) e santificado (קִדְּשׁ)<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Conforme as observações de BIANCHI, Enzo. *Genesi: commento esegetico-spirituale*, capitoli 1-11. Magnano: Edizioni Qiqajon, 1990, p. 82-92.

<sup>6</sup> Cf. BIANCHI, E. *Genesi*, p. 84.

A criação do homem é narrada de tal modo que se distingue das outras obras de Deus. Na criação do ser humano, não começa como nas outras obras (“e Deus disse: Haja a luz...”), mas começa com plural perturbador ao monoteísmo rabínico: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (נַעֲשֶׂה אָדָם בְּצַלְמֵנוּ כְּדְמוּתֵנוּ). O plural é exclusivo na Deus com alguém. Na criação Deus busca a comunicação com alguém.

São muitas as tentativas de explicação do plural<sup>7</sup>.

Em primeiro lugar, não é possível que seja um plural majestático, pois esse era praticamente desconhecido no hebraico. Poderia ser eco de um mito politeísta em que Deus consultaria outros deuses, ou estaria falando com os anjos, como é atestado em vários Targumins rabínicos<sup>8</sup>. Os midraxes também explicam que Deus se dirige às obras da criação (R. Jeohoshua) ou às obras de cada um dos dias (R. Shemuel; *Gen. Rabbah VIII,3*). Segundo outras interpretações judaicas, Deus estaria falando ao Conselheiro (arquiteto), identificado ou com a Sabedoria ou com a Torá.

A interpretação cristã viu bem cedo uma indicação do diálogo entre Deus e o Verbo, o *Lógos*, que estava desde o princípio junto de Deus (cf. *Jo 1,1ss*), desenvolvendo a partir deste texto uma teologia trinitária<sup>9</sup>. Aquilo que aconteceu com o Verbo de maneira plena, pode-se ver, que Deus se dirige ao homem desde o princípio. O projeto da criação, portanto, é partilhado entre Deus e o homem, numa criação continuada. Neste sentido, o próprio ser humano não é um ser dado pronto, mas um ser em contínuo “devir”.

De qualquer modo, não fica despercebido que o ser humano foi investido da imagem e semelhança de Deus, é a última das criaturas, recebeu a ordem de dominar sobre todo o criado. Mas, mesmo assim, por três vezes no v. 27, se diz: “Deus criou (בָּרָא) o homem”. A grandeza do ser humano acentuada no texto, não permite colocá-lo no lugar de Deus.

<sup>7</sup> Sobre várias possibilidades de interpretação do plural, pode-se conferir também WESTERMANN, Claus. *Genesis 1-II: A Commentary*. Londres: SPCK; Mineapolis: Augsburg Publishing House, 1984, p. 144-145.

<sup>8</sup> Cf. BIANCHI, E. *Genesis*, p. 84-85.

<sup>9</sup> Cf. Epístola de Barnabé, Justino, Irineu e Agostinho.



## 2.1 *Visão do “ser humano”*

Diferentemente das fontes que o inspiraram, o texto bíblico testemunha outra compreensão do “humano”. Enquanto as cosmogonias da Mesopotâmia apresentam o rei como imagem da divindade, investido da autoridade divina, o relato bíblico atribui a todos essa imagem. Na Mesopotâmia o homem era um escravo da divindade, enquanto no relato bíblico ele tem majestade e domínio sobre todas as criaturas (*Gn* 1,26).

Com relação à ordem de multiplicar-se, também há uma diferença. O ser humano foi criado e “homem e mulher os criou” (זָכָר וּנְקֵבָה). A diferenciação sexual tem origem divina, e, portanto, é boa. É o modo de prolongar a existência. O pleno significado de humanidade (אָדָם) se dá quando se tem o homem (זָכָר) e a mulher (נְקֵבָה). Por isso, como diz o Salmo 8, o melhor reflexo da majestade divina é a grandeza do ser humano. Mas, sua potencia geradora de vida não o coloca em situação de semelhança com a potência de Deus, pois a potência geradora no ser humano é fruto da bênção divina. O ser humano no mundo não deve ser colocado no mundo dos deuses, como ocorre, por exemplo, no rito da prostituição sagrada: a potência geradora é simplesmente o cumprimento do comando divino<sup>10</sup>.

## 2.2 *Ser humano em relação com o mundo: subjuguai*

O “subjuguai a terra” (כִּבַּשׁ v. 28) determina a função do ser humano no sentido de colocar a terra selvagem a serviço dos homens. Pertence ao contexto de subordinação ou domínio<sup>11</sup>. O verbo parece derivar do acádio *kabasu*, “pisotear”, e do árabe *kabasa*, “amassar, deixar marca, pressionar (cf. também o árabe *kabasha* “prender as mãos”). No AT significa levar a servir, se necessário pela força<sup>12</sup>. Não se sustenta uma tradução que procure ver no verbo o sentido de “edificar”, “erigir” ou “cuidar”, pois o verbo pressupõe, no AT, que a parte a ser subjugada seja hostil ao subjugador, havendo necessidade de algum tipo de força<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> Cf. MALY, Eugène H. La Genesi. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. *Grande Commentario Biblico*. Brescia: Queriniana, 1974, p. 13-14.

<sup>11</sup> No Qal é usado para escravos; no niph'al é usado para a terra que foi trazida para sujeição humana.

<sup>12</sup> OSWALT, J.N. כִּבַּשׁ. In: HARRIS, R.L.; ARCHER JR, G.L.; WALTKE, B.K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: VidaNova, 1998, p. 702-703.

<sup>13</sup> O verbo כִּבַּשׁ tem o sentido de “violentar”, “estuprar” em *Est* 7,8; “conquistar” os cananeus em *Nm* 32,22.29; *Js* 18,1; *1Cr* 22,18. Em *2Cr* 28,10; *Ne* 5,5; *Jr* 34,11.16 a palavra indica serviços forçados.

Por essa razão, em Gn 1,28, כָּבַשׁ significa que a criação não obedecerá prazerosa ou facilmente às ordens do ser humano. Mas, de qualquer modo, não é a natureza que deve dominar o ser humano, sem que isso significa uma perversão de destruir. No hebraico o verbo “subjugar” significa colocar a força para transformar as trevas em luz, o caos em cosmo.

“Dominai sobre os peixes...” (רָדוּהוּ). Raiz derivada do acádio (*radû*) desenvolveu o sentido específico de “pisar”, que ocorre uma só vez (Jl 4,13: “vinde, pisai, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam”) e o sentido de “governar”, usado cerca de 22x no AT. Em Gn 1,26.28. refere-se ao domínio sobre os peixes do mar e as aves e todos os animais. O verbo não é usado para referir-se ao domínio de Deus, mas somente ao domínio humano. Entre os seres vivos, os humanos governarão sobre os animais. A criação humana tem um objetivo, uma finalidade. Tanto os animais como os homens são abençoados, em vista da fertilidade, mas uma ordem hierárquica é estabelecida entre os seres vivos: humanos e animais são colocados em relação, mas os humanos são encarregados de dominar sobre os animais. Emprega-se o verbo também para designar o domínio de Israel sobre seus inimigos (Is 42,2).

O domínio sobre a criação, no entanto, não pode ser feito de qualquer jeito, de modo a desprezar ou destruir a vida vegetal ou animal. Como enviado de Deus, o ser humano permanece como a criatura que deve proteger a criação. A atitude de respeito com relação aos animais é reforçada em Gn 1,29-30, onde o alimento vegetal é dado tanto ao homem como aos animais. O homem não recebe a ordem de alimentar-se dos animais, seres que possuem respiração (נָפֵשׁ). É claro que não se trata aqui de uma experiência vegetariana das origens, mas de instaurar uma relação homem-mundo com respeito absoluto pela vida.

A alimentação vegetariana dos animais carnívoros expressa uma imagem de paz. Indica o desaparecimento da agressividade recíproca entre animais e entre animais e homens. As descrições proféticas do reino messiânico são assim: “naquele dia farei por eles aliança com as feras do campo, e com as aves do céu, e com os répteis da terra; e da terra quebrarei o arco, e a espada, e a guerra, e os farei deitar em segurança” (Os 2,18). O mundo de Gn 1 não é o paraíso perdido, mas o mundo na sua destinação, o mundo do futuro, querido por Deus.

No comando de subjugar a terra e dominar os animais (1,28), não se pode deixar de ver que “a terra é um dom de Deus a Israel desde a criação do mundo”. O povo exilado na Babilônia quer voltar para a “terra prometida”.

## Conclusão

No livro das “origens”, isto é, no livro do *Gênesis*, dando início ao relato da História da Salvação, encontramos nos capítulos de 1 a 11 um bloco unitário, que constitui como a porta de entrada do livro de *Gênesis* e a todo o *Primeiro Testamento*.

Mesmo que o conteúdo do livro revele um contato profundo com o ambiente oriental antigo, especialmente da Mesopotâmia, ele apresenta não poucos traços bem próprios, que não se encontram no ambiente.

Seu texto é intencionalmente construído com uma finalidade teológico-didática.

Sua teologia ensina a criação do cosmo da parte de Deus. É para a humanidade que o cosmo foi criado. Nenhuma criatura pode ser colocada no lugar de Deus, pois é criatura.

O ser humano, ápice da criação, está sujeito a Deus por causa da sua própria constituição, e ao mesmo tempo, tem capacidade de colocar-se diante de Deus, entrar em diálogo com Deus e autodeterminar-se. Depois de Deus, é ele que governa o mundo.

Pela ação e trabalho na obra criada o ser humano se assemelha a Deus. Não é escravo, mas senhor.

Deus se comunica com o ser humano, introduzindo-o na obra da criação: toda a realidade do universo é um evento de comunicação, de comunhão.

Vários elementos no relato do *Gn* demonstram que o subjugar e dominar têm a finalidade de desmistificar criaturas que eram cultuadas como deuses. O ser humano é constituído em comunhão com Deus e com o mundo, pelo qual deve zelar, como o jardineiro cuida do seu jardim.

*Gn* 1 é também profecia do mundo futuro, e ao mesmo tempo ensina o amor e o respeito por todas as formas de vida da criação: “lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará; vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da cobra venenosa, e o menino desmamado meterá a mão No esconderijo da serpente” (*Is* 11,6-8).

Um reino de paz, sem violência e sem guerra. “O sangue é a vida” (*Dt* 12,23), e mesmo quando será concedido ao homem alimentar-se da

carne dos animais, ele não poderá alimentar-se do sangue: “Tudo quanto se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado como a erva verde. A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não” (Gn 9,3-4). Deus viu tudo o que tinha feito, e o declarou “muito bom” (cf. Gn 1,31).

RAMIRO MINCATO

E-mail: <ramiromincato@terra.com.br>